

COLETÂNEA

CRÔ- NÍ- CAS

NOSSAS DE CADA BIA

ANA BEATRIZ RODRIGUES



UFAL

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio constante, aos amigos (que são as famílias que escolhemos) pelas risadas que mantiveram minha sanidade e à professora Mércia Pimentel pela orientação valiosa.

Este trabalho é fruto não apenas do meu esforço, mas também do amor e suporte de todos vocês.

Muito obrigado por fazerem parte desta jornada.



“ Se não temos o sol todos os dias em nossa vida,
temos uns aos outros, como anjos da guarda ”
-Emerson Moraes, em Crônica XIV

APRESENTAÇÃO



A escrita sempre foi uma parte intrínseca da minha vida e, neste novo ciclo, reafirmo meu compromisso com a arte de escrever.

Cada palavra e história reunidas neste conjunto têm o propósito de incitar reflexões profundas, são indagações que frequentemente surgem em nossas conversas, seja em um bar ou durante um almoço de domingo.

Assim como as reportagens, as crônicas também têm o poder de informar. Podem ser baseadas em experiências pessoais do autor ou em eventos que o inspiraram a escrever. No meu caso, foi um pouco de ambos: algumas situações vivi pessoalmente, outras presenciei ou ouvi falar.

Espero que essas crônicas jornalísticas despertem a sua consciência, estimulem sua mente e, acima de tudo, o incentivem a questionar, aprender e agir. Mas, se por acaso nada disso acontecer e você simplesmente apreciar a leitura, já terá valido a pena.

SUMÁRIO



MERITOCRACIA DIVINA	6
RECLAMAÇÃO DO ZÉ DO SURURU	8
UBER COMUNISTA	10
COMPETÊNCIA	12
CHORADEIRA	14
QUADRADOS	16
FORMAS DE EXPRESSÃO	18
VELHITUDE	20
PROFISSÃO	22
MÁQUINA DE ESCREVER	24
FUTURISTICO	26
PREFEITO HONESTO	28
NOTA 8	30
SOBRE A AUTORA	32



MERITOCRACIA DIVINA

Acordei às pressas pensando em como eu desviaria do caos da manhã. Acordar cedo, estar física e psicologicamente pronta para enfrentar mais um dia de exploração. No caos do ônibus, ao invés de ouvir música, como costume fazer diariamente, resolvi ler uma crônica de João do Rio.

“O mendigo original” era o nome dela. Contava a história de Juscelino, um homem simples, que via que viver da forma como todos viviam é inútil. E de fato, parando para pensar, precisamos do mínimo. Tudo aquilo que temos, além do essencial, é dispensável. Não temos outra escolha a não ser nos iludir. Achamos que somos livres quando, na verdade, somos fantoches de um sistema do ‘ter e possuir’.

Mas o que seria o ter? — questiono mentalmente até ser surpreendida por um diálogo que acontece no banco da frente: duas senhoras grisalhas, com sacolas nas mãos e uma voz de revolta, situação comum para quem está num ônibus sem nenhum conforto às 7h30 da manhã.

O ônibus parava no semáforo, próximo a um viaduto que, visto de cima, representa o desenvolvimento da cidade grande. O fluxo de carros da parte baixa para a parte alta da cidade mostrava o potencial daquele ir e vir. Ao lado, lindas pinturas sobre boi-bumbá, guerreiro e as belas praias de Maceió. Aquele conjunto arquitetônico representava tão bem a cidade grande e sua prosperidade que, embaixo, abrigava a coisa mais triste e deprimente que grandes riquezas trazem: a pobreza.

Mulheres e crianças se encolhiam com o frio, dividindo um cobertor em um pedaço pequeno de papelão. Enquanto a mãe olhava para o ônibus com um olhar vazio, de desespero, cansaço e medo. Ao fundo, estavam dois homens, um mais velho e outro mais novo, paralisados, reflexivos. Talvez se tratasse de pai e filho.

— Olha só isso — indagou uma das senhoras — se jogar uma carteira de trabalho, todos fogem — apontando para os dois homens.

— Eles gostam de estar aí, ganham dinheiro, comida e fora outras coisas. Para que trabalhar?

— Os meninos sujos, nem vão à escola. Será que não pensam nas crianças? Olha só aquele pequeno, tem nem tamanho para estar na rua desse jeito. Onde está o Conselho Tutelar?

— E a mulher, ela está grávida? Será que não conhece o anticoncepcional?

Ao contrário do senso comum, penso que ninguém, em sã consciência, escolhe o sofrimento. Não é escolha, aquilo é um reflexo profundo da nossa sociedade capitalista, de um Brasil que levantou da escravidão e surfou no racismo e na falta de oportunidade. De um governo que fecha os olhos para qualquer realidade além do que aparece na TV.

Mas estou cansada de normalizar essas coisas. Respirei fundo, toquei no ombro da senhora e falei baixinho.

— Se a senhora tivesse a opção de ser rica, seria ótimo, né?

— Claro, e quem não quer ser rico?

— Mas você não tem essa opção.

— Eles também não têm a opção de sair daí e magicamente ter um casa ou condições melhores.

— Mas eles escolhem essa vida, moça. — disse a senhora como se acreditasse fielmente no livre arbítrio.

— Você não escolheu estar no ônibus lotado, num trânsito a essa hora mas, mesmo assim, está aqui. Da mesma forma que você, eles também não escolheram estar ali. Quem escolhe sofrer, ser humilhado, rejeitado? O sistema não permite que essas pessoas tenham escolhas.

Um breve silêncio tomou conta do local. Até que a outra senhora responde.

— É verdade, minha filha. **Quem permite as coisas é Deus.**

RECLAMAÇÃO DO ZÉ DO SURURU

Certa vez, li uma crônica do Lima Barreto na qual ele conta a história de um homem que morreu e envia uma carta ao prefeito da cidade com uma reclamação. A história hilária é tão contemporânea/atual que resolvi escrever uma versão mais nova para o prefeito de Maceió.

Agoniado com as demandas do marketing e de coisas mais visuais, o prefeito sentou à sua mesa. Entre vários papéis, havia um timbrado, um pouco comum demais para ter sido de sua equipe. Ao abrir aquele papel, se deparou com uma carta, a única que leu em todo o seu mandato.

“Oi, excelentíssimo prefeito de Maceió, tudo bem?

A festa de ontem foi muito massa, o show estava cheio de gente. O camarote parecia estar deslumbrante. A chuva nos atacou, mas no geral, foi legal. O maior são joão do litoral estava ali, sob meus olhos. Eu também fiz aquilo acontecer.

Mas não é sobre isso que gostaria de tratar, tio Jota.

Queria compartilhar um pouco da situação difícil em que me encontro, e do que acontece do outro lado da cidade.

Nunca fui fã de político, nunca adotei ninguém. Muitos utilizaram meu bairro, meus vizinhos e minha família para se promover, mas nunca ganharam um voto meu. Sabe, prefeito, minha política é da felicidade, é de ver minha rua asfaltada e minhas meninas numa escola boa. Saber que se a gripe me pegar, terei onde receber remédio e ser bem atendido.

Vergel é um bairro de muita coisa. Muita lama, muita gente, muita areia, muito lixo. A desigualdade era nossa canção, tudo estava sempre nos conformes. O que tínhamos de muito era o Mundaú, que trazia sempre muito sururu e muita brincadeira.

Peço que o senhor venha mais para cá, olhe para nossos muitos e realize algo tão massa, quanto o são joão. Que, foi ótimo. Consegui aproveitar o show e vender capas de chuva. Faturei bastante, o suficiente para passar o mês ‘tranquilo’.

Mas quando eu estava voltando para casa, naquela chuva, tropecei e meu pé afundou num bueiro. Quebrei minha perna. Estou aqui no hospital, situação terrível, mas deixarei para reclamar em outra carta pro governador.

A tampa estava aberta, no meio da dor e no reflexo de me salvar, avistei um outdoor da prefeitura, que avisava que o nosso bairro havia recebido intervenções do programa ‘Tapa buraco’. Vim avisar, tio Jota, que faltou um, um pequeno buraco.

De tão pequeno me deixou sem chão. Literalmente. E agora, o que foi lucro virou prejuízo. Gastei tudo o que ganhei para sentir menos dor. Da próxima vez, tio J, faça as propaganda direito, verifique se naquela rua suas operações foram bem sucedidas.

Atenciosamente, Zé do Sururu.”



UBER COMUNISTA

Eis que um dia pego um Uber, com a frase icônica de que não vota em “Ladrão”. Até acho engraçado como as pessoas gostam desse assunto, mas me mantenho calada para não causar confusão com tudo o que eu penso. Entretanto, o motorista, em uma conversa no telefone com algum outro Uber, começa a se revelar:

“Toda a mazela do Brasil vem dessa gentinha (termo usado por ele para definir as pessoas que necessitam da assistência social do governo) que quer ficar sem fazer nada e mamando nas tetas do governo. Mas olha só, falando nisso, lembra da senhora que eu te falei que aluguei o apartamento?

— Sim, aquela velha crente que pediu para eu dar desconto. Pronto, ela vai pra igreja todo dia, mas não consegue pagar o aluguel no dia certo. Esses dias ela me ligou dizendo que estava sem energia, fui procurar saber, 3 talões de energia atrasado, acredita?

— A velha, além de não pagar o aluguel, também não pagava nem a luz. E detalhe: a dívida está no meu nome.

Nesse momento, embora eu estivesse apenas interessada em chegar logo em casa, me pego observando esse diálogo, que apesar de parecer um monólogo, havia alguém em algum lugar que estava dando pitaco.

— Mas cansei dessa história dela, amanhã vou mandar a real, se ela não resolver isso, coloco-a pra fora, não importa se o marido dela não conseguiu dar entrada na aposentadoria dele, eu não posso ficar no prejuízo.

— Esse negócio de prejuízo dá pra mim não, Jorge. Semana passada emprestei 1.000 reais para o meu irmão, eu não faço questão de dinheiro não, mas esse povo que é da igreja gosta de dar golpe, com essa história de que “deus” vai me pagar.

Naquele momento, o carro freou bruscamente, e então, o motorista abaixa o vidro e xinga um motociclista por aplicativo de comida, que estava tentando atravessar a rua que o carro do uber ocupava sem nem refletir.

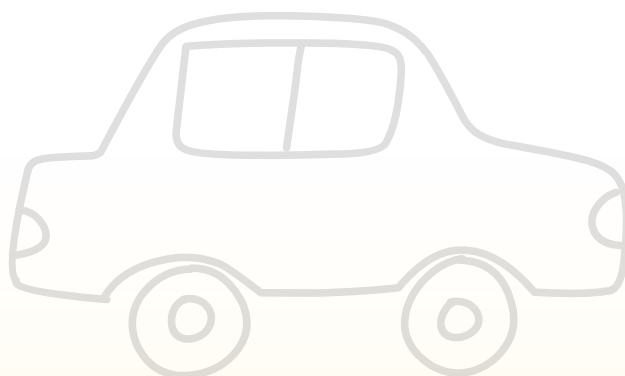
— Motoqueiro é a peste, sempre quer estar certo. Voltando ao assunto Jorge, lembra aquele esquema que falei de não pagar IPVA? Conheço várias pessoas com deficiência que emprestam o nome para comprar carro, eu mesmo já consegui quatro.

— Sim, dá certo. Você também quer? ... Ah, sim, aquele lance do gatonet né, também tenho o contato, lá em casa eu só pago o IPTU por que ainda não consegui burlar.

Claro que, nessa parte da história, a vontade era de soltar o verbo com a hipocrisia. Mas eu já sabia qual era a dele, o problema é sempre o outro, o outro que não paga a conta, o outro que ‘rouba’, que precisa ser ajudado pelo estado.

Não o suficiente para terminar a minha noite com muita raiva, ainda tive que escutar a última parte do motorista.

— Se conheço alguém que vende CNH? , claro, passarei o contato do cara que comprei a minha.



COMPETÊNCIA

Certa vez, estava na fila do banco conversando com um homem. O banco estava um caos, era dia de pagamento. Para piorar, um dos gerentes havia faltado e era horário de almoço. Por algum motivo, nós estávamos em outra recepção, em um sofá mais organizado, o caos era do outro lado do vidro. Até que descubro que ele estava ali pelo mesmo motivo que eu: queria abrir uma conta salário.

O homem parecia ser bem-sucedido, ficamos nos olhando por um tempo, até que ele puxou assunto.

— Demora do gerente chegar, né?

— Sim, esse horário de almoço parece infinito.

— Eu queria contar uma história que aconteceu comigo na semana passada, acho que serve para pessoas ‘novas’, como você.

— Pode contar.

— Talvez você tenha percebido que sou um homem privilegiado. Vim de uma família de classe média, estudei numa escola cara, sempre fui aluno destaque, me dediquei ao máximo, tirava notas boas, fui líder de turma quase durante todo o ensino básico. Minha vitória maior foi ter passado em Engenharia Civil na UFAL. Assim como na escola, mantive bons resultados na universidade, fui monitor de várias disciplinas, ajudei muita gente com projetos de pesquisa. Quando apresentei meu TCC, fui premiado, descobri uma nova forma de pavimentar a baixo custo. Mas o mestrado fechou as portas para mim. Na semana passada, fui para uma entrevista de emprego, numa construtora famosa aqui da cidade, ela surgiu não faz muito tempo, mas cresceu rapidamente. Fiquei muito animado. Botei meu melhor terno e fui com muita expectativa. Chegando lá, me deparo com um colega de escola, um menino totalmente diferente de mim: ele era bolsista, não gostava de estudar, era bagunceiro e barulhento, o terror dos professores. Até me lembro que certo dia a professora o citou como exemplo, como alguém que não ia ‘vencer’ na vida.

Sentei ao lado dele e cumprimentei-o com muita alegria. Ele começou a fazer algumas perguntas sobre como estava minha vida, e nós começamos a conversar, falei da minha tentativa falida do mestrado, contei estar planejando me casar. Ele ficava calado, não falou muito da vida dele. Ele estava cabisbaixo, olhava pouco para os meus olhos, parecia incomodado, não sei. Tentei perguntar um pouco sobre ele, quebrar aquele clima.

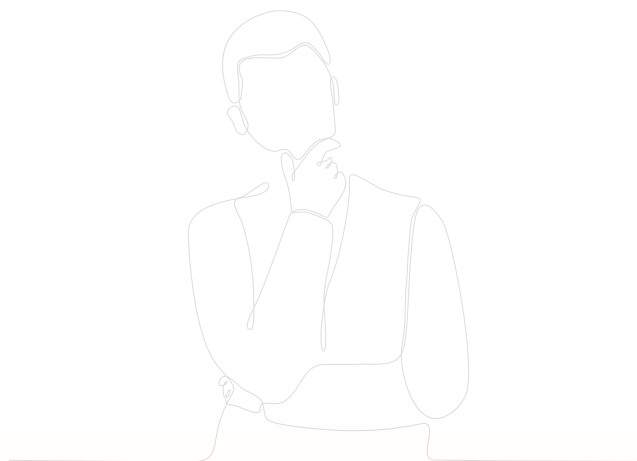
—E você, como anda? Está tentando a vaga de emprego aqui?”

— Que nada — respondeu ele — “Esse negócio de procurar emprego não dá para mim não. Sempre pensei em algo maior, maior que a sala de aula. Com essa minha agonia nem terminei o Ensino Médio, essas coisas muito complexas estão fora da minha realidade. Resolvi abrir essa empresa, e você está contratado”.

Meu mundo caiu.

—Essa empresa é sua? Você vai me contratar como engenheiro?

— “Sim, na verdade, eu não, o RH vai te contratar. Eu não tenho nem o Ensino Médio, não faço ideia de como se contrata alguém, sou só o dono dessa construtora mesmo.



CHORADEIRA

Todo domingo a família Souza se reúne para um almoço. Não tem tempo ruim, cardápio ou ocasião que desmarque esses encontros semanais. É até bonito de se ver, todo mundo comenta como é diferente esse compromisso que temos entre nós. Meu avô Antônio, um cozinheiro nato e curioso, sempre dá um jeito de ser criativo na hora de cozinhar, às vezes, é o de sempre: arroz, feijão e galinha na panela de ferro; noutros dias, a comida gaúcha entra em cena: costela de boi, com arroz, polenta e salada de maionese. Há ocasiões nas quais a viagem gastronômica se torna ainda mais distante: risotos italianos e massas de macarrão artesanal com molho pesto.

Domingo é sagrado. Às vezes, saio para a praia com meus amigos, mas quando chega perto de 12h eu já me organizo para voltar para casa da minha avó, com aquela mesa redonda, que parece coração de mãe. Às vezes, chega um amigo do primo, um colega do tio, a cunhada, e a mesa vai se expandindo... Coloca o banquinho de plástico, come no sofá, mas ninguém deixa de aproveitar as delícias do seu Antônio.

Depois do almoço, a hora mais esperada é a hora do café. Momento em que falamos um pouco sobre a semana, e, de uns anos para cá, virou o momento da ‘choradeira’, pois cada tio, tia, primo ou prima reclama da situação financeira, ou econômica do país. A hora da choradeira já foi palco até de brigas partidárias. Quando qualquer reclamação é iniciada fora do horário do café, alguém sempre interrompe: “Calma, que o café não está na mesa”.

Só em se aproximar da hora do café, todos já se sentiam no direito de começar.

— Esse mês quase não sobra dinheiro para pagar as contar — reclamou meu pai.

— Que nada, você está bem, concursado federal. Pior eu, que mal fechei negócios lá na empresa neste mês — falou meu tio.

— Concurado não quer dizer nada, também sou concursada, mas do município, e continuo na mesma. É muito gasto ter dois filhos em idade escolar, todo o dia uma festinha diferente, uma confraternização, uma lembrancinha — acrescenta minha tia.

— Mas ontem, uma certa pessoa pediu uma barca de Sushi, postaram no Instagram — resmungou minha mãe.

— Uma coisa não tem nada a ver com outra, aquele Sushi foi dividido com os nossos colegas, ficou barato. — responde meu tio.

— Mas ainda sim é um gasto. Eu, que sou concursado, não como Sushi. E você que mal assinou contratos neste mês, comeu logo uma barca.

Nesse momento, meu avô, que estava preparando o café, senta e coloca a garrafa e as xícaras em cima da mesa redonda de madeira. Ele é um homem de poucas palavras, quase sempre cirúrgico, irônico e necessário, não é à toa que é o patriarca dos Souzas.

— Vocês reclamam demais, só pensam em dinheiro. Temos que agradecer que estamos todos aqui. — exclama meu avô.

— Exatamente — interrompe minha mãe — temos que aproveitar que temos saúde e estamos bem.

— **Temos que agradecer que nossa família sobreviveu às eleições presidenciais** e ainda continuamos tendo o privilégio de estar juntos mesmo não concordamos em nada politicamente e ideologicamente falando.



QUADRADOS

Certo dia estava na recepção do laboratório onde costumo fazer meus exames de rotina há pelo menos 7 anos. Apesar de ainda ser localizado no mesmo endereço, tudo mudou rapidamente. Na recepção, ao invés de sofás e revistas, haviam cadeiras e tomadas. Alguns assentos com resquícios de adesivo de distanciamento social, em decorrência da pandemia da Covid-19.

O espaço colorido, onde ficavam as crianças brincando com bolinhas e blocos de montar, hoje é apenas um espaço com papel de parede, que vive das lembranças da época que blocos de montar eram um entretenimento para os pequenos que iam fazer o exame ou eram companhia dos adultos.

Aquela bancada cheia de atendentes, deu lugar a apenas duas mulheres. Uma para atendimento preferencial e outra para recolher as amostras e etiquetá-las por uma pequena impressora; procedimento que não mais era escrito manualmente. Agora todas as minhas informações se resumiam a pequenos traços formando um código de barras colados na amostra.

Três guichês de autoatendimento surgiam um ao lado do outro, de forma que poderíamos passar por aquele espaço sem olhar quem estava, assim como eu, cuidando da saúde. Era tudo muito automático, esperava o belo dia em que, ao invés do enfermeiro tirar o meu sangue, seria uma máquina, o contato seria mínimo, ou nulo, tudo era extremamente tecnológico e principalmente, prático.

Observo que entra uma senhora, acompanhada de sua aparente neta, com uns 19 anos. A menina, prestativa, levou a idosa até uma de suas atendentes.

— Bom dia, como posso ajudar?

- Essa é minha avó, Vera, ela veio fazer esses exames.
- Certo. Você possui plano de saúde?
- Não, será particular.
- Já possuem cadastro no laboratório?
- Não, é a primeira vez que estamos aqui.
- Você precisa se cadastrar acessando esse formulário — aponta a mulher para um QR code.

A neta puxa de forma automática o celular, lê o QR code. De forma rápida e eficaz e finaliza o cadastro — prontinho.

A avó observa tudo com espanto. Tudo tão rápido, sem filas, sem burocracia. Em seu tempo aquilo ali era impensável, tinha que ligar para o plano para pedir autorização ou preencher uma ficha infinita.

- Pronto, agora temos cadastro — anuncia a neta.
- Vou digitalizar todo o encaminhamento. Qual será a forma de pagamento?
- Pix.

— Ficou 400 reais

A moça novamente mostra um QR code e a neta, mais rápido ainda, realiza o pagamento. Tudo durou menos de 30 segundos.

- Está pago
- Obrigada.

Alguns segundos depois, aponta novamente para uma placa onde diz o site do laboratório, onde é possível acessar os resultados do exame.

- E por esse link e com o acesso que mandaremos por e-mail, você pode pegar o resultado, tá?
- Tudo certo. — respondeu a neta.

— Quando o seu nome aparecer naquela telinha, você entra na sala de coleta, tá certo dona Vera?

Dona Vera abriu um sorriso tímido. Sua neta foi levando-a até um sofázinho, sentou a avó e se sentou logo em seguida. Já foi puxando o celular, tudo muito rápido, a senhora nem tinha processado tudo o que aconteceu no balcão, quando sussurra com a neta:

- Aqui nesse laboratório eles tiram sangue da forma antiga ou é **por aqueles ‘quadrinhos’ também?**

FORMAS DE EXPRESSÃO

Duas mulheres tentavam escrever um discurso para o governador ter em mãos na abertura de uma grande feira de tecnologia. A proposta era encaixar as palavras de forma que elas expressassem de maneira certa toda a alegria em estar presente, convencendo os outros empresários a conhecer um pouco de seu estado e instalar ali seus negócios.

— É preciso primeiro expressar gratidão pelo convite — disse uma das mulheres. Então, escreve: “Me sinto honrado em ter recebido este convite para um evento tão importante sobre tecnologia...”

— E agora? Vamos falar sobre o potencial do estado?

— E continua: “O nosso território possui muita carência de investimentos na área de tecnologia .”

— Não - indagou - não vamos falar agora dos problemas. Traremos o contexto.

— “A tecnologia é uma peça fundamental para o desenvolvimento e precisamos desenvolvê-la cada vez mais. Grandes estados do Brasil possuem um aporte tecnológico...”

— Seria interessante colocarmos algo mais sentimental.

— Precisamos incluir uma experiência com a tecnologia e como ela pode ajudar muitas pessoas. Mas precisamos trazer isso de forma mais...

— Palpável?

— Isso. De uma forma humanizada.

Pensar em como escrever as coisas de forma clara e humanizada é um desafio. Então, as duas entraram num debate sobre a escrita e suas possibilidades:

— Às vezes, a gente quer expressar algo que só nós sabemos. A língua portuguesa é tão complexa, que, ao mesmo tempo que tem muitos sinônimos, existe uma palavra certa para cada situação.

— Exato. Brabeza, raiva, ódio, chateação e tristeza são sentimentos muito semelhantes, mas possuem sentidos totalmente diferentes.

Quando alguém faz algo que nos magoa, dependendo da situação, nós sentimos raiva, e essa palavra é única. E nem sempre é isso, às vezes usamos algo que não tem definição... Mas define tantas coisas.

— “Estou me sentindo meio sei lá” ou “estou coisada” são grandes exemplos.

— Coisar significa tanta coisa, mas dependendo do contexto é específico.

As duas começaram a rir.

— Ou quando queremos expressar algo muito específico, e tentamos utilizar várias formas de sentir aquilo para enfatizar. Amo tanto, sou apaixonada, louca por amor, flertar, adorar... Mas cada palavra tem um encaixe perfeito.

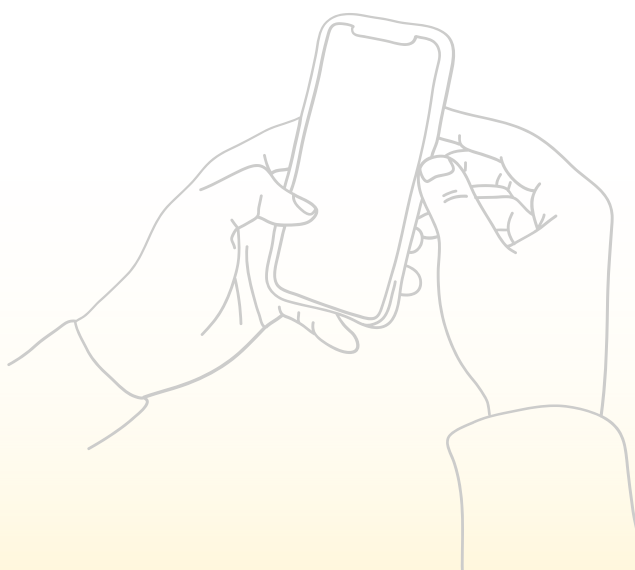
— Amo minha mãe, sou apaixonada por geografia, louca por maçã do amor, flerto com surpresa de uva e adoro estar com meus amigos. Sentimentos diferentes, mas que no dicionário...

— Às vezes, é mais fácil falar do que escrever.

Quando a conversa estava chegando à conclusão mais óbvia da língua portuguesa, a de que ela é ampla demais, chega uma terceira mulher, um pouco mais nova.

— Como você costuma expressar os sentimentos de forma direta e certa? Afinal, são tantas palavras existentes...

— Depende muito... — responde ela — se for por WhatsApp, **uma figurinha da Gretchen ou de uma japinha já resolve.**



VELHITUDE

Certo dia, li uma crônica de Mário Prata na qual ele discorre sobre a existência de uma quinta fase da vida fora a infância, adolescência, a fase adulta e a idosa, e ela a chama de “Envelhecete”. O escritor descreve esse momento no qual somos jovens e estamos caminhando para o processo de se tornar... na melhor das expressões, pessoas experientes. Assim como na adolescência, quando estamos caminhando para se tornar adulto, e por isso o trocadilho com palavras e também com a transição.

Penso que, do mesmo jeito que a tendência natural da vida é criarmos maturidade e responsabilidade, nos tornando mais próximos dos mais velhos, também temos uma consciência de espírito, e isso não tem nada a ver com idade cronológica, e sim com essência. Essa fase, que é o oposto da envelhecimento, é a velhitude, momento em que estamos considerados velhos, mas com ideias e perspectivas juvenis, e notem, não é infantil e imatura, apenas aquela coisa do jovem de achar que tem todo o tempo do mundo para escrever e reescrever a sua história.

A velhitude funciona da seguinte forma: alguém que está com uma idade avançada o suficiente para ser o ‘tio’ da roda de jovens, mas jovem demais para estar entre os mais velhos, essas pessoas transitam entre a vida adulta, jovem e velha, com atitudes mescladas. E isso é genial.

Alguém que já tomou as decisões da vida, mas tem total visão de que a qualquer momento pode realizar algum feito totalmente novo. Novos passatempos, novas paixões. A novidade e o buscar pelo atual é uma característica muito marcante. Ser fluido. Se desprender dos costumes de achar que o passado é o melhor momento. Como diz Elis Regina “Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem”.

Alguém que utiliza todo o seu aprendizado, não para aprisionar e encurralar o jovem, e sim para libertar. Nada melhor que um spoiler para o jovem sentir-se pronto para fazer qualquer besteira, que a vida é só uma, e no final, não importa se você saiu para festas ou resolveu ficar em casa com medo de viver, o tempo passa do mesmo jeito.

Assim como a envelhecimento, a velhitude não é para todos. É preciso muita maturidade, permissão e coragem de tentar voltar ao tempo com classe, com lugar de fala e respeito. A velhitude, na minha concepção, parece até ser mais agradável, mais bacana e comum. A envelhecimento é a parte dois da adolescência, que todo mundo vive. A graça é exatamente ter uma experiência fora do padrão, exclusiva. Quantas pessoas se permitem, após passarem por tantos perrengues, ser tão otimistas quanto um jovem?

Parece até engraçado criar uma nova fase da vida. Mas criam aborrecência para justificar a transição das fases, **por que não criar um termo que defina a leveza do ser adulto?**



PROFISSÃO

A pergunta que mais temia era quando algum adulto perguntava o que eu ‘queria ser’ quando crescesse. Essa pergunta sempre me intimidou. O mais engraçado dessas histórias é que eu sempre tinha uma resposta na ponta da língua. Os adultos costumavam rir delas.

Um dia, estava na janela de casa observando o caminhão do lixo recolher as sacolas dos lixeiros, quando meu pai chega ao meu lado e pergunta:

— Por que você tanto olha o caminhão recolher o lixo?

— Acho legal quando ele acelera um pouco e os ‘homis’ tem que correr atrás pra jogar o saco de lixo no baú. É interessante.

Por muito tempo, essa história foi motivo de muita risada na minha família e na roda de amigos dos meus pais. Então, já sabendo que ela causava um certo espanto, eu respondia que queria dirigir um caminhão de lixo quando crescesse.

Quando fiquei mais velha, fiz um passeio para o aeroporto pela escola. Fomos para uma salinha de controle, e tivemos uma aula sobre ‘controladores de vôo’. A partir dali, eu tinha outra profissão na ponta da língua.

— O que você quer ser quando crescer?

— Quero mexer com avião, mas não quero pilotar, tenho medo de altura. Acho que eu vou ser controladora de voo. Se eu não gostar do piloto, não o autorizo a descer na pista.

E novamente, os adultos riam.

Uma das minhas últimas mudanças radicais sobre a profissão foi que decidi ser veterinária. Essa mudança foi anunciada num aniversário, durante uma brincadeira com o palhaço. Foi um espanto para todos. Logo em seguida, todas as minhas colegas disseram que iriam ser veterinárias também, pois parecia legal.

Mas você nem gosta muito de animais - indagou meu pai.

— Até eu crescer iria me esforçar para gostar mais deles. Mas eu já desisti de ser veterinária, pai, todas as minhas amigas agora inventaram de ser veterinárias também.

Novamente, minha profissão foi motivo de risadas.

O tempo passou, e nada me agradava por muito tempo. Não gosto muito de questionar isso, essa pergunta sempre foi um incômodo, mas hoje me peguei questionando para a minha irmã.

— O que você gostaria de ser quando crescer?

— Youtuber

— Nossa, tão moderno! Mas me conta, tu não pensou em ser veterinária, médica, piloto de avião, motorista ou qualquer outra coisa?

— Eu não, negócio **sem futuro**.



MÁQUINA DE ESCREVER

Certo dia estava centrada numa crônica que falava da revolução da máquina de escrever. Um dia vi uma no museu, ela estava coberta de mofo. Olhei cada detalhe, me imaginei trabalhando em algum jornal famoso, ou escrevendo um romance tomando um café preto com broas.

As teclas tão altas, que para serem pressionadas, precisava de uma força considerável. Os dedos chegavam a ficar musculosos, não é como o teclado convencional, que faz um ‘tec tec’ mais leve, haja força, haja precisão.

E se errasse... ou tentava corrigir manualmente, por meio de rabiscos e gambiarras ou tinha que escrever tudo de novo.

Meu avó comentou que em sua época estava no auge o curso de datilografia, que tinha o objetivo de instruir as pessoas e ensiná-las a manusear essas máquinas. Cursos eram ofertados a todo o momento, como hoje são as turmas de técnico de enfermagem e radiologia, de monte, e era o que todo mundo indicava, seja jovem, ou velho, para estar no mercado de trabalho, tinha que saber mexer na máquina de escrever.

Eram filas e filas para conseguir a vaga de emprego: saber escrever e com o curso de datilografia no currículo. Meu avó mesmo diz que realizou dois cursos, eram divididos em blocos. Era indispensável, assim como manusear telefone.

Alguns anos depois, já na geração do meu pai, saber mexer na máquina de escrever virou rotina, qualquer pessoa sabia escrever, já tinha feito algum trabalho da escola, ou o pai tinha uma em casa. Era básico tanto quanto escrever manualmente. A necessidade foi diminuindo. Não demorou muito para surgir o computador. Era caro,

mas era um tec tec diferente, um teclado semelhante, de cor cinza, mais compacto.. e feio.

Ai depois o mercado já começou a exigir conhecimento em Windows, Paint, no excel ou word. Saber mexer na internet e suas tecnologias, internet discada, coisas assim. Novamente os cursos de informática bombaram. Até hoje a gente coloca no currículo “informática básica”. Qualquer pessoa nascida depois dos anos 2000 já nasce com essas técnicas embutidas na certidão de nascimento, isso nem deveria mais existir, ser banido, deletado... ainda existe essa palavra?

Tenho uma fotografia, tirada na época em câmera de filme, onde estou de frente ao computador. Longe do que conhecemos hoje, algo bem rebuscado, monitor de tubo, alto-falantes, webcam, microfone... hoje tudo se concentra em um finíssimo notebook, e detalhe: nem precisa de curso para aprender a mexer, quando liga, já vem um ‘minicurso’ autoexplicativo, tudo muito didático. Faliram os cursos de datilografia, informática e internetês.

Agora me pego pensando nessas loucuras temporais: como uma pessoa que nasceu hoje explicaria para pessoas que passaram por toda essa linha do tempo?

— Quando a gente quer escrever algo, a gente faz assim, aperta nesse botão, grava uma mensagem de voz e automaticamente tudo vira texto.

— Tão fácil? — perguntaria a pessoa mais velha — não precisa fazer curso? Ajeitar o volume, nada manual?

— Não precisamos de esforço nenhum para escrever atualmente.

— Nem esforço mental? Digo... a criatividade?

— Nem isso. Hoje em dia tem um tal de ChatGpt que **faz até a parte intelectual** da gente.



FUTURÍSTICO

Nesta madrugada, tive um sonho esquisito. Antes que você comece a antecipar mentalmente o que poderia ter sido, permita-me interromper e dizer que não foi ruim. Na minha perspectiva, foi apenas um sonho estranho.

Sonhei que eu era uma robô. Minhas pernas eram feitas de engrenagens, cobertas por uma camada de latão e parafusos; meus braços eram feitos de metal, por um pedaço de latão e uma pinça no lugar dos dedos, tudo isso banhado com óleo de motor e um cheirinho de combustão. Eu conseguia movê-los apenas com o poder do pensamento, mas acompanhado por um som de máquina, o ruído de engrenagens se movendo, uma certa lentidão e previsibilidade.

Eu era um robô, mas nada parecia futurístico. Eu estava em um ambiente que se assemelhava ao meu quarto. Tudo estava no lugar, e nada mais era feito de metal, exceto eu.

Tudo estava programado: tinha um horário para acordar, esperava que as engrenagens ganhassem força para poder prosseguir, enquanto algo ao fundo anunciava que o dia havia começado. Na cozinha, preparava um café e colocava um pedaço de pão para esquentar em uma máquina que se parecia com um micro-ondas. Eu comia apressadamente.

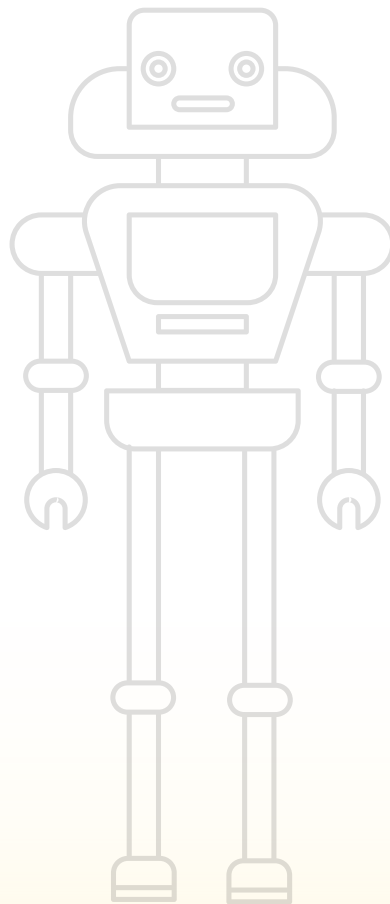
Em seguida, eu partia para uma fábrica. Meus pés haviam se transformado em duas rodinhas, e eu deslizava até o local de trabalho. Ao chegar lá, havia horários para parar, continuar o trabalho e retornar. Eu estava envolvido na produção de mais robôs como eu, com pequenos braços que se assemelhavam a bebês. De máquina em máquina, nós construíamos esses pequenos "bebês", e ao longo da esteira, eu percebia outros robôs fazendo o mesmo.

Após um 'dia cansativo de trabalho', minha versão robô voltava para casa, deitava na cama e dormia. Quando o sonho parecia recomeçar, meu despertador tocava. Eu acordava como humana, aguardava meu corpo reagir e então me levantava.

Fiquei reflexiva, pois percebi semelhanças com a minha própria rotina, inclusive com um despertador. No entanto, era apenas um sonho. Como poderia ser real?

Estava claro que eu não era um robô. Que loucura a minha pensar, por um breve momento, que eu era **como uma 'máquina'**.

Então, fui até a cozinha, esquentei meu café e segui para o trabalho...



PREFEITO HONESTO

Certo dia, eu estava em um bar quando três pessoas da mesa ao lado começaram a falar sobre o prefeito B, que estava tentando se reeleger. O cara era bastante controverso, e, claro, a conversa tomou esse rumo. Olhei para baixo da mesa e percebi que eles já estavam na segunda rodada de cervejas; as palavras começavam a sair arrastadas.

Um dos presentes na mesa insistia que esse tal candidato B era um dos políticos mais honestos que a cidade já tinha visto. A discussão esquentou, risadas ecoaram e garrafas foram viradas. Sentindo-se desafiado, o bêbado começou a argumentar.

"Você não entende, cara. B é um trabalhador incansável. Todos os dias, ele estava na prefeitura, ouvindo qualquer um que aparecesse lá, não importava a classe social ou a cor. Se alguém chegasse lá com os pés descalços, o prefeito estava lá para ouvir."

"Mas isso é obrigação de qualquer prefeito decente", retrucou outro. "Ele é só mais um político fazendo o trabalho dele."

"Não é bem assim", defendeu o primeiro. "Ele é o político mais honesto que já conheci. Pode acreditar! Se você perguntar qualquer coisa, ele vai responder sinceramente, mesmo que não tenha feito. E isso, meu amigo, é uma qualidade rara nos dias de hoje."

"Ah, para com isso", zombou o cético. "Ele admite que não fez as obras? E por que não as fez?"

"Ele responde a tudo", insistiu o defensor de B. "Ele é um amigo meu, posso garantir que nenhum outro candidato é tão sincero quanto ele."

A confusão de risadas continuou, incluindo as minhas. Então, para provar seu ponto, ele pegou o celular, discou um número e colocou em viva-voz.

"Alô, prefeito B, aqui é Fulano", anunciou ele.

"Oi, fala aí, meu amigo", respondeu a voz do outro lado.

"Estamos aqui duvidando da sua honestidade, prefeito. E a praça da Cecília? Por que não foi feita?", perguntou um dos homens.

"Ah, Fulano, a empresa que contratamos deu um calote em nós, não cumpriu o contrato", explicou o prefeito.

"Como você deixa isso acontecer, prefeito?", questionou o homem novamente.

"Não tive escolha, a empresa era da minha irmã... Eu não queria brigar com minha própria família, vocês entendem."

"Mas você viu que eu fiz a reforma na Escola Fulaninha, não viu? Ficou maravilhosa", disse o prefeito, tentando justificar suas ações.

"É verdade, prefeito, a escola realmente ficou incrível", concordou Fulano.

"Viu só? Posso até roubar, mas também faço alguma coisa pelo povo. As poucas coisas que vocês têm para reclamar são apenas pequenos contratemplos", concluiu o prefeito, com um toque de orgulho em sua voz. A chamada foi encerrada, e todos na mesa ficaram em silêncio por um momento.

"Viram só, pessoal?", exclamou o defensor de B. "Vocês não vão encontrar um candidato tão honesto quanto B. Hoje em dia, são poucos os políticos sinceros com seus eleitores."

Entre olhares espantosos, tiveram que concordar, **ele foi honesto, ou não foi?**

NOTA 8

Uma das primeiras lições marcantes que aprendi, ainda no Ensino Médio, foi que nem sempre aquilo que fazemos com dedicação e esmero é valorizado como esperamos.

Lembro-me como se fosse ontem do dia em que investi ‘minha alma’ na elaboração de um trabalho de Biologia. Dias foram gastos folheando revistas, buscando as mais belas figuras de anfíbios, mamíferos e aves. Dediquei horas a desenhar linhas retilíneas em uma folha chamequinho reciclável, usando lápis grafite, com riscos leves para evitar marcar a página. Cada detalhe foi meticulosamente analisado, cada inadequação à norma padrão foi ajustada, e finalmente, com canetas verde e preta, cobri meu trabalho conforme a estética desejada.

A parte que mais me deu trabalho foi a capa. Tentei reproduzir um sapo verde com laranja que vi na internet, mas ele parecia descontente. Experimentei com aquarelas, mas ainda não estava perfeito. Decidi então desenhar árvores, com folhas pintadas com degradê de verdes. Escrevi "Trabalho de Biologia" de forma que as três primeiras letras "bio" fossem vazadas, e fosse possível pintar as manchas características de alguns animais. Escolhi a letra O para a estampa de zebra, acabei borrando um pouco.

No final, estava orgulhosa do meu trabalho. Apresentei-o com entusiasmo, mas fui recompensada com um simples ‘muito bom, nota 8’.

Essa nota foi como um balde de água fria em minha empolgação. Fiquei dias guardando uma frustração profunda. Como poderia um número simples descrever o esforço invisível e indescritível que investi? Foi nesse momento de desânimo que minha professora decidiu ensinar uma lição valiosa: *“Não se definam por números. Vocês são maiores do que qualquer nota. O verdadeiro prêmio é o conhecimento que adquiriram no caminho. As notas vêm e vão.”*

Assim, apesar do 8, aprendi muito mais do que biologia naquele projeto. Descobri detalhes sobre estética, gramática e até mesmo a quantidade ideal de cola para evitar manchas nas imagens coladas manualmente. Aprendi sobre as diferentes manchas em zebras e girafas. Compreendi as peculiaridades do papel reciclável, sua resistência e tamanho milimétrico. E acima de tudo, aprendi que o que realmente importa é o que absorvemos e concluimos durante a trajetória.

A partir desse dia, optei por não dar tanta importância às notas, desde que estivessem acima da média, é claro. Então, quando a escola distribuiu um formulário para avaliarmos nossos professores, hesitei. Após todas as lições que aprendi, decidi não reduzir as pessoas a números.

Quando questionei a diretora sobre minha decisão, ela reconheceu a importância da lição que aprendemos e tornou o preenchimento do formulário opcional.

No entanto, para surpresa de todos os meus colegas, decidi respondê-lo. Aproveitei essa última oportunidade para expressar meu apreço pela professora de Biologia, agradecendo por todos os ensinamentos, mas atribuindo-lhe a nota 8. Não resisti à tentação de uma pequena vingança, afinal, não podemos dar tanta importância a números, não é mesmo?.



SOBRE A AUTORA



Nasceu em 26 de outubro de 1999, em Maceió, Alagoas. Ana Beatriz sempre gostou muito de escrever e, aos 14 anos, já dizia para todos que queria ser escritora e trabalhar escrevendo.

Durante as férias escolares escrevia fanfics, contos e romances para si mesma.

Em 2017, ingressou na Faculdade de História da Universidade Federal de Alagoas, mas na metade do curso, resolveu pedir a transferência para o curso de Jornalismo, em 2019.

Sua vida acadêmica no curso de Jornalismo foi marcada por muita dedicação e amor à escrita, o que resultou na conquista de 4 prêmios de jornalismo, incluindo um regional, onde foi a grande finalista do nordeste na categoria reportagem em jornalismo impresso, em 2023.

Atualmente, Beatriz é uma das assessoras de comunicação do governador de Alagoas, Paulo Dantas, onde escreve tudo o que ele precisa saber.

Este livro é apenas mais uma forma de Beatriz exercitar aquilo que ama: escrever, além de representar o fim de um ciclo: a graduação de jornalismo.

